

LAVAGEM DO BONFIM, NO RIO DE JANEIRO

Inserida em janeiro de 1999 no calendário de atividades oficiais da Cidade, a lavagem do Bonfim já tem nove anos de existência. Essa lavagem ritual é uma iniciativa do Instituto Nacional e Órgão Supremo Sacerdotal da Tradição e Cultura Afro-Brasileira (INAEOSSTECAB) e da Sociedade "Senhor do Bonfim Ilê Obá Nilá", da ialorixá Edelzuita de Lourdes Santos de Oliveira. – Dedicada aos cultos afro há mais de cinquenta anos, a mãe Edelzuita, filha Oxaguiã, é originária do terreiro da Mãe Menininha do Gantois, em Salvador(BA) e veio para o Rio de Janeiro(RJ) em 1968, fundando nesse ano a sua casa de santo em Vila Valqueire. A própria Igreja do Senhor do Bonfim, em São Cristovão, Rio de Janeiro(RJ), em 1807, teria como fundador João Batista, um baiano. No entanto, foi a secular lavagem do Bonfim, em Salvador, que deu origem à do Rio de Janeiro.

A devoção ao Bom Jesus do Bonfim, trazida para Salvador, em 1740, pelo capitão-de-marinha português Teodósio Rodrigues de Faria, tornou-se, ao longo dos séculos, nas palavras de Clarival do Prado Valladares, "confluência e encruzilhada de muitas culturas".

A transculturação (identificação...?) do Senhor do Bonfim e Oxalá (Oxalufã?) resultou numa fortíssima presença dos cultos afro, que fazem do templo baiano um dos mais visitados santuários do País por ocasião da festa do Senhor Jesus, ocorre sempre no início de janeiro. Presentes na formação de grandes criações da cultura carioca, como por exemplo o samba, muitas religiões negras são pouco conhecidas pelo grande público. A festa de Iemanjá na passagem do ano vinha sendo uma excessão a esta regra, embora sua visibilidade principal se limitasse para fora a um espetáculo, pela beleza do conjunto de cantos, de dança e das chamas das velas em integração com as águas do mar. Esta exposição visa, portanto, registrar com maior aproximação e preservar para o futuro aspectos culturais e sociais quase desconhecidos da vida da cidade, através da secular e enriquecedora presença, nela, das comunidades afro-brasileiras, sua tradição e sua reinvenção do vivido.

MÃES DE SANTO

Falávamos anteriormente a respeito das diversas comunidades de resistência dentro das quais a população negra se reestruturou cultural e psicologicamente durante e após o período escravocrata. Dentre estas estão as casas de religiosidade de matriz africana. Neste particular, dois estados da federação se sobressaem. São eles, Pernambuco e Bahia. No caso da Bahia, as casas mais tradicionais (como o Engenho Velho, a mais antiga, fundada em 1830) sempre estiveram com mulheres em seu comando. Citaríamos aqui as três africanas do Reino de Ketu: Iya Nassô, Iya Detá e Iyá Kelá. Posteriormente, Mãe Marcelina, Mãe Maria Júlia da Conceição, a Tia Pulquéria (do tradicional candomblé do Gantois), Maria Júlia de Figueiredo, Tia Massi e muitas outras senhoras, que formam uma plêiade de responsáveis pela perpetuação de uma herança trazida e transmitida por ancestralidade. Mais tarde (1922), Mãe Menininha - Maria Escolástica da Conceição Nazaré - assumiria a liderança de uma das mais antigas casas da Bahia, o Gantois.